

**MARX VIVE!!! VIVA MARX!!!!**

**MARX VIVE!!! VIVA MARX!!!!**

**MARX LIVES!!! HURRAH MARX!!!!**

Maria de Fátima Rodrigues Pereira<sup>1</sup>

Elza Margarida de Mendonça Peixoto<sup>2</sup>

Pedro Leão da Costa Neto<sup>3</sup>

*O seu nome continuará a viver pelos séculos, e a sua obra também!*  
(ENGELS, 1883)<sup>4</sup>

### ***Uma homenagem!!***

Neste ano de 2018, celebrando os 200 anos do nascimento daquele que Friedrich Engels identificou como o maior pensador do seu tempo, *Germinal: Marxismo e Educação em Debate* – neste Volume 10, Número 1 – homenageia àquele sem o qual o sentido deste projeto editorial não existiria: Karl Marx (5/5/1818 - 14/3/1883).

Reafirmamos que Marx permanece *referência viva* que nos inspira na crítica às relações de produção nas quais vivemos e nos esforços de organização da classe trabalhadora (a classe com cadeias radicais<sup>5</sup>) em luta pela superação destas opressivas relações de produção em que os meios de vida já são todos mercadoria.

Neste grave momento da luta de classes – no qual as relações de produção capitalistas atravancam o desenvolvimento das forças produtivas; no qual acirra-se a *contradição radical* entre os interesses dos proprietários das forças produtivas (com o seu séquito de conservadores e servidores que controlam o sistema produtivo, os governos, os estados, os sistemas de justiça, as mídias, a força pública) e os interesses dos proprietários da força de trabalho “desefetivada a ponto de morrer de fome”<sup>6</sup>; em que, em nome da preservação de relações de produção opressivas e excludentes, que degradam ao esgotamento os recursos naturais, a classe que detém o poder econômico – em todo o mundo – impõe a soberania pela força de sistemas de vigilância e armas cada vez mais sofisticadas, e de reformas que retiram direitos – reafirmamos a contribuição de Marx na produção dos referenciais que possibilitam reconhecer as perspectivas históricas que se abrem.

Neste exato momento em que setores da classe dominante, apavoradas com o grau de organização e poder do trabalhadores, promovem a perseguição, aprisionamento e assassinato de lideranças dos movimentos sociais; instigam conflitos bélicos que levam ao extermínio de populações inteiras pela fome, pelo desespero e pela guerra; impedem o acesso a uma educação científica e crítica e disseminam ideologias reacionárias como o fascismo, o anticomunismo, a xenofobia, a lgbtfofia e o feminicídio, espalhando o medo e terror nos continentes, reafirmamos: o pensamento de Marx vive e é extremamente atual para a análise dos passos necessários à superação destas relações!! Marx vive por que a necessidade de uma teoria capaz de adquirir “força material quando penetra nas massas” ressuscita diariamente a força do marxismo!! E é por esta forte razão que a teoria que fundam permanece viva, apesar de perseguida, censurada, amansada, reformada à ponto de descaracterização do seu teor revolucionário!!!

### *Uma teoria revolucionária arrancada das entranhas da luta*

São conhecidas as circunstâncias do nascimento de Karl Marx em 5 de maio de 1818. Aqui destacamos duas: a primeira é que Marx nasce em uma família da classe média judaica, o pai Heinrich Marx<sup>7</sup> “fizera brilhante carreira de jurista e chegara a Conselheiro da Justiça. A ascensão à magistratura obrigara-o a submeter-se a imposições legais de caráter anti-semita. Em 1824, quando o filho Karl tinha seis anos, converteu a família ao cristianismo (luteranismo) e adotou o nome mais germânico de Heinrich” (GORENDER, 1996, p. 6)<sup>8</sup>. Esta decisão não é de menor importância, significou inclusão da família em ciclos intelectuais laicos e do estado prussiano, marcado por restrições à presença de judeus nas funções públicas (tema abordado por Marx na sua obra *A Questão Judaica*). A segunda circunstância que se aponta é que Trier, cidade natal de Marx, pertencia à Renânia, então província da Prússia que fazia fronteira com a França. Da França a região recebia fortes influências. “Ao contrário da maior parte da Alemanha, dividida em numerosos Estados, os camponeses renanos haviam sido emancipados da servidão da gleba, e das antigas instituições feudais não restava muita coisa na província” (GORENDER, 1996, p. 6). Nessa província já se davam os primeiros ensaios de industrialização, uma elite intelectual bebia nas ideias iluministas.

Marx, em 1830, com 13 anos, iniciou seus estudos liceais no Liceu Friedrich Wilhelm em Trier e dali foi a Universidade de Bonn estudar direito (como o pai, com quem manteve uma importante troca de correspondência) e depois na de Berlim, então, fortemente influenciada pela obra filosófica de Georg Wilhelm Friedrich Hegel que foi professor e reitor daquela Universidade. Em Berlim, Marx encontrou um ambiente de intensos debates do pensamento hegeliano por parte de seus discípulos. Ali, Marx filiou-se ao Clube dos Doutores, liderado por Bruno Bauer que fazia parte dos hegelianos de esquerda— que— interpretavam a doutrina de Hegel no sentido do liberalismo e do regime constitucional democrático, podando os fortes aspectos conservadores do sistema do mestre (Hegel), em especial sua exaltação do Estado. Neste cenário Marx, passou aos debates da filosofia e da política e transferiu seus estudos do Direito para a Filosofia, escrevendo sua tese de doutoramento, defendida na Universidade de Iena,

intitulada *Diferenças da Filosofia da Natureza em Demócrito e Epicuro*. “Embora inspirada nas linhas mestras da concepção hegeliana da história da filosofia, desponta na tese um impulso para transcender àquela concepção, num sentido que somente mais tarde se tornaria claro” (GORENDER, p. 6).

Em 1841, veio a público, a obra de Ludwig Feuerbach – *Essência do Cristianismo*, onde seu autor apresentava, em divergência com o mestre Hegel, uma antropologia materialista do homem. Marx através de Feuerbach, iniciou seu trânsito ao materialismo. Todavia, “Ao contrário de Feuerbach, que via na dialética hegeliana apenas fonte de especulação mistificadora, Marx intuiu que essa dialética devia ser o princípio dinâmico do materialismo, o que viria a resultar na concepção revolucionária do materialismo como filosofia da prática” (GORENDER, 1996, p.7).

Entretanto em 1842, não podendo permanecer na Universidade que vivia sob forte ataque conservador – Bruno Bauer foi afastado da Universidade de Berlim em maio de 1842 – Marx foi trabalhar como redator chefe da Gazeta Renana, jornal financiado pela burguesia renana liberal.

A passagem pela Gazeta colocou Marx *perante a realidade crua e nua e as relações entre estado, a política, o direito*. Marx ao ter que escrever sobre o que se passava, tomou contato com a expropriação dos direitos consuetudinários dos camponeses coletarem lenha nos bosques comunais, prática considerada criminosa face à nova legislação burguesa da posse da terra. Anos após, em seu célebre Prefácio de 1859 a *Contribuição a Crítica da Economia Política* observa: “encontrei-me pela primeira vez, na embaraçosa obrigação de opinar sobre os chamados interesses matérias” (MARX, 2007, 44). Os constantes choques com as autoridades, levam Marx a demitir-se da redação do jornal que, entretanto será fechado em abril de 1843; levando-o “a deixar a cena pública” e recolher-se ao seu gabinete de estudos (MARX, 2007, 44). **Começava ali, portanto, o estudo e a crítica ao Estado, ao direito, à política**, não por acaso, presentes nas suas obras produzidas já após o fechamento da *Gazeta Renana* e depois em seu exílio em Paris – *A questão Judaica* e (1843), *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (1843-44)<sup>9</sup> e *Notas Críticas sobre o Rei da Prússia e a reforma social por um prussiano* (1844).

Em junho de 1843 se esposa com Jenny von Westphalen “a secretária e correspondente segura, a sábia conselheira, a infalível companheira de luta” (GEMKOW, 1984, 37)<sup>10</sup>, que o acompanhou em toda a difícil vida até a sua morte em 1881.

Após o fechamento da Gazeta, Marx se dirigiu a Paris, aonde em conjunto com Arnold Ruge vão produzir a Revista *Os Anais franco-alemães*, da qual saiu um único número. Ali Marx, aproximou-se, de exilados políticos e círculos socialistas, e nesse contexto pode aprofundar e chegar a análises mais radicais sobre as relações de produção da vida, a política, o direito. Decisivo para essa transformação do pensamento de Marx foi o importante “trabalho intitulado “*Esboço de uma Crítica da Economia Política (Umrisse zu einer Kritik der Nationalökonomie)*, escrito pelo jovem Engels em dezembro de 1843 e enviado a Marx em janeiro, para publicação no *Deutsch-Französische Jahrbücher*” (MÉSZÁROS, 1981, p. 73<sup>11</sup>). Marx, através deste “genial esboço de uma crítica das categorias econômicas” (MARX, 2008, 47), se colocava em contato com a Economia Política e os autores ingleses como Ricardo, Malthus e Adam Smith.

Nessa sua estadia em Paris Karl Marx teve possibilidades de estudo, de crítica das três mais importantes fontes teóricas da época: a filosofia alemã, o socialismo utópico, forte na França e a economia

política inglesa. Neste contexto Marx e Engels se encontraram e decidiram se dedicar ao estudo, à formulação de uma teoria que dotasse a classe operária de um instrumental que possibilitasse a crítica do modo de produção capitalista, o que vai se materializado nas obras que vão produzir em conjunto<sup>12</sup>, com destaque para *A Ideologia Alemã*<sup>13</sup>. *Crítica da Filosofia Alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer, Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas*, escrita em parceria após o encontro em Bruxelas em 1845: Decidimos “acertar as contas com a nossa antiga consciência filosófica”<sup>14</sup>.

Nestes escritos elaborados em 1845-1846, explicitaram:

Pode-se referir a consciência, a religião e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais; porém, esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a *produção* dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência produzem indirectamente a sua própria vida material (MARX, ENGELS, s/d, p.18).

Marx e Engels consideravam e apontavam os limites reais das abordagens até então predominantes na Alemanha. A essa tomada de posição não foram alheias as observações e análise de Marx frente ao trabalho de editor da *Gazeta Renana*, também de Engels, possibilitadas por sua estadia na Inglaterra, para onde o pai o tinha enviado para afastá-lo dos debates e da vida política na Alemanha, para que fizesse sua instrução nos negócios junto a seu sócio. Não imaginava o pai de Engels que essa condição lhe possibilitaria aproximar-se do proletariado, compreender a sua situação, relatá-la e perceber o caráter de resistência e expor suas projeções da iminência da revolução social: “*A revolução tem que vir obrigatoriamente*, já é muito tarde para encontrar uma solução pacífica para o conflito”; (ENGELS, 1986, p.331). Na época, já eram evidentes os sinais da organização do proletariado, a ponto de Engels tirar estas conclusões e as expor na sua obra *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*<sup>15</sup>. A respeito da importância desta obra Lênin diria, em 1913, quando da elaboração de uma brochura para o dicionário Granat: “Nós já salientamos o principal mérito de Engels como autor desta obra! Antes dele já muitos tinham descrito os sofrimentos do proletariado, Engels, porém foi o *primeiro* a afirmar que o proletariado *não somente* constitui uma classe que sofre, mas que a situação vergonhosa em que se encontra o impele irresistivelmente para a frente e obriga-o a lutar pela emancipação final” (LENINE, 1971, p. 59)<sup>16</sup>.

Ao mesmo tempo, Marx, na França, entrava em contato com as doutrinas dos socialistas utópicos como Saint Simon, Joseph Proudhon, Charles Fourier.

Estas condições existenciais do seu tempo, confrontadas pelo seu trabalho desde a *Gazeta Renana*, possibilitaram a Marx considerar a política **como atividade prática, no seio da vida social**, colocava então a **filosofia política hegeliana confrontada pela economia inglesa**. Transitava, assim, de uma perspectiva fenomênica da política a uma abordagem histórica da totalidade, compreendendo que a política é apenas uma esfera da totalidade do processo social.

Efetivamente, então, em Marx impôs-se a necessidade de dissipação da separação entre política e economia, sociedade civil e estado. Ou seja: Marx dá-se conta da impossibilidade de compreender a política à margem de uma concepção totalizadora da vida social, na qual se conjugassem e articulassem economia, sociedade, cultura, ideologia e política (BORON, 2006, p. 303)<sup>17</sup>.

Marx referindo-se a sua trajetória, no já citado Prefácio de 1859, relembra sobre estes anos:

O primeiro trabalho que empreendi para resolver as dúvidas que me assaltavam foi uma revisão crítica da *Filosofia do Direito*, de Hegel, (...) Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas de Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência ... (MARX, 2008, 47)

Efetivamente, desde a sua obra de 1844, *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* deixou explícito o que se propunha fazer: “A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, e a crítica da teologia em crítica da política” (MARX, 2005, p. 146).

**Marx insere-se assim na tradição dos estudos da política e do estado, mas não o faz senão fundando nela uma nova visão teórica da política.** Propunha-se, para tal, conforme anunciaria nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*<sup>18</sup> também chamados de Cadernos de Paris (1844):

Farei por conseguinte e sucessivamente, em diversas brochuras independentes, a crítica do direito, da moral, da política etc., e por último, num trabalho específico a conexão do todo, a relação entre as distintas partes, demarcando a crítica da elaboração especulativa deste mesmo material. Assim, será encontrado o fundamento presente escrito, da conexão entre economia nacional e o estado, o direito, a moral, a vida civil (*bürgerliches Leben*) etc., na medida em que a economia nacional mesma, *ex professo*, trata destes objetos (MARX, 2009, p. 19).

É, ali, efetivamente, apontado que se trata de considerar e fazer as conexões da economia, do direito, da moral com o estado.

Em seus *Manuscritos de 1844*, Marx analisa no Caderno 1 – salário, ganho do capital- o capital, ganho do capital, dominação do capital sobre o trabalho e os motivos do capitalista, a acumulação de capitais e a concorrência entre os capitalistas- renda da terra. Após, elabora a primeira síntese – Trabalho Estranhado e Propriedade Privada – “Partimos dos pressupostos da economia nacional. Aceitamos sua linguagem e suas leis. [...] A partir da própria economia nacional, com suas próprias palavras, constatamos que o trabalhador baixa a condição de mercadoria, que a miséria do trabalhador põe-se em relação inversa à potência (Macht) e à grandeza (Grösse) da sua produção, (MARX, 2009, p.79). Isto implicou que Marx trabalhasse estabelecendo **histórica e dialeticamente** as relações entre essas práticas analisadas, ao ponto de lhe ver as conexões e lhe estabelecer sínteses cada vez mais elaboradas e explicativas.

Com apenas 26 anos, Marx, nos Manuscritos de 1844 elaborava sua tese- o modo de existência sob os interesses do capital conduzia à alienação, ao estranhamento, formulava, assim, síntese dos seus estudos, “evidenciando como cada ponto é ‘multidimensional’: liga-se a todos os outros pontos do sistema marxista das ideias, que as determina como é determinado” (MÉSZÁROS, 1981, p.17)<sup>19</sup>. As indagações de Marx lhe possibilitavam chegar a esse estágio. Nos Manuscritos de Paris “Há um ar de entusiasmo em relação a todo o seu empreendimento- manifesto também no estilo de exposição, de tom elevado, com frequência solene” (MÉSZÁROS,1981, p.19).

Em 1845, em *A Ideologia Alemã*, Marx e Engels apontariam os limites dos jovens hegelianos ao criticarem Hegel “A polêmica, que contra ele dirigem e que travam entre si, limita-se ao seguinte: Cada um isola um aspecto qualquer do sistema hegeliano e fá-lo chocar com a totalidade do sistema e com os outros aspectos que os outros acharem por bem isolar” (MARX, ENGELS, s/d, p.15).

Marx se propôs no seu itinerário teórico revisar filósofos, políticos ingleses e franceses numa fase posterior de sua crítica ao capitalismo. “Marx havia planejado retornar à filosofia política, da qual havia partido, e não acudir pela primeira vez a ela uma vez esgotadas suas explorações no terreno da economia política” (BORON, 2006, p.296). Todavia,

Os *Manuscritos* de 1844 tiveram de permanecer inacabados – não podia ser de outro modo com um sistema flexível e aberto, in *statu nascendi*, que não deve ser confundido com uma síntese prematura da juventude. [...], os Manuscritos de 1844 anteciparam adequadamente, o Marx posterior, apreendendo numa realidade sintética a problemática de uma reavaliação ampla por meio de uma análise totalmente empírica, baseada num consciencioso estudo crítico da economia política’ (MÉSZÁROS, 1981, 21).

Esse estágio do seu desenvolvimento teórico não foi alcançado sem a crítica as três fontes já apontadas – o pensamento filosófico alemão na figura de Hegel e dos hegelianos de esquerda, da economia política inglesa e do socialismo francês e na parceria com Engels para o conhecimento da política, da economia e da filosofia – Marx faz, assim, a revisão da literatura. “Durante a década de 1840, a política, a economia e a filosofia, a experiência francesa, a britânica e a alemã, além do comunismo ‘utópicos’ fundiram-se, transformaram-se e transcenderam na síntese marxiana. Não foi de certo por acaso que tal transformação ocorreu nesse momento histórico” (HOBSBAWM, 2011, p. 47)<sup>20</sup>. Um tempo, ao mesmo tempo de crise das frações da burguesia em luta pelo poder e de uma visível e crescente mobilização da classe trabalhadora que “possibilitou uma nova e colossal fusão dos jacobinos-revolucionários-comunistas e da experiência e das teorias socialistas associacionistas” (HOBSBAWM, 2011, p. 48).

Como observa o próprio Marx foi este o “resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos”. (MARX, 2007, 47).

Engels, no discurso frente a tumba de Marx, vai afirmar:

Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da Natureza orgânica, descobriu Marx a lei do desenvolvimento da história humana: o simples facto, até aqui encoberto sob pululâncias ideológicas, de que os homens, antes do mais, têm primeiro que comer, beber, abrigar-se e vestir-se, antes de se poderem entregar à política, à ciência, à arte, à religião, etc; de que, portanto, a produção dos meios de vida materiais imediatos (e, com ela, o estágio de desenvolvimento económico de um povo ou de um período de tempo) forma a base, a partir da qual as instituições do Estado, as visões do Direito, a arte e mesmo as representações religiosas dos homens em questão, se desenvolveram e a partir da qual, portanto, das têm também que ser explicadas — e não, como até agora tem acontecido, inversamente. (ENGELS, 1883)

Estreitamente associado a esta primeira descoberta, estão, antes de tudo, os seus trabalhos dos anos 1846-1848, entre os quais podemos destacar a crítica a Proudhon em sua *Miséria da Filosofia* e o *Manifesto do Partido Comunista*. Sua atividade revolucionária, conduz diretamente a Engels e a ele participarem diretamente da Revolução alemã dos anos 1848-1849, participação que manifesta igualmente a outra face da obra de Marx e Engels, a da indissociabilidade entre reflexão teórica e prática revolucionária, que caracterizou toda a vida de ambos.

Após a derrota da vaga revolucionária europeia, sobreveio o segundo e definitivo exílio, agora na Inglaterra. É aqui, a partir do início dos anos 1850 irá retomar os seus estudos interrompidos de economia

política, agora no British Museum de Londres. E serão estes estudos que o acompanharão até a sua morte e que, seus resultados se materializará nos seus sucessivos escritos de Crítica da Economia Política: *Grundrisse* (1857 – 1858); *Contribuição à Crítica da Economia Política* (1859); *O Capital* Livro I (1867) e ainda sucessivamente publicados por Engels: *O Capital* Livro II (1885); *O Capital* Livro III (1894), seguidos ainda, das *Teorias da Mais Valia* publicadas primeiramente por Kautsky, entre 1905 e 1910. Estes estudos econômicos permitiram a Marx realizar, como o próprio Engels observou, no mesmo discurso, a sua segunda grande descoberta:

Mas isto não chega. Marx descobriu também a lei específica do movimento do modo de produção capitalista hodierno e da sociedade burguesa por ele criada. Com a descoberta da mais-valia fez-se aqui de repente luz, enquanto todas as investigações anteriores, tanto de economistas burgueses como de críticos socialistas, se tinham perdido na treva. (ENGELS, 1883)

E acrescenta, ainda, referindo-se a personalidade científica de Marx em seu conjunto:

Duas descobertas destas deviam ser suficientes para uma vida. Já é feliz aquele a quem é dado fazer apenas uma de tais [descobertas]. Mas, em todos os domínios singulares em que Marx empreendeu uma investigação — e estes domínios foram muitos e de nenhum deles ele se ocupou de um modo meramente superficial —, em todos, mesmo no da matemática, ele fez descobertas autónomas.

Era, assim, o homem de ciência. Mas isto não era sequer metade do homem. A ciência era para Marx uma força historicamente motora, uma força revolucionária. Por mais pura alegria que ele pudesse ter com uma nova descoberta, em qualquer ciência teórica, cuja aplicação prática talvez ainda não se pudesse encarar — sentia uma alegria totalmente diferente quando se tratava de uma descoberta que de pronto intervinha revolucionariamente na indústria, no desenvolvimento histórico em geral. Seguia, assim, em pormenor o desenvolvimento das descobertas no domínio da electricidade e, por último, ainda as de Mare Deprez. (ENGELS, 1883).

Como bem destacou Engels, foram nas mais diferentes áreas que se manifestaram as contribuições de Marx (a teoria política, o periodismo histórico e econômico, investigação sobre as sociedades pré-capitalistas), possibilitadas pelas suas duas grandes descobertas: 1. a concepção materialista da história e do movimento de funcionamento do modo de produção capitalista, e 2. a teoria mais valia que explica o modo de produção capitalista). Além disso, como ressalta Lenin, a ampla e variada correspondência possibilita ressaltar outros importantes legados.

Como já dissemos, outra sua incansável atividade, foi a de teórico e revolucionário comunista que se expressam nos seus trabalhos associados a sua condição de dirigente revolucionário, como por exemplo, da Liga dos Comunistas, da Associação Internacional dos Trabalhadores – a I Internacional.

É o mesmo Engels que igualmente se refere a esta sua incansável atividade revolucionária:

Pois, Marx era, antes do mais, revolucionário. Cooperar, desta ou daquela maneira, no derrubamento da sociedade capitalista e das instituições de Estado por ela criadas, cooperar na libertação do proletariado moderno, a quem *ele*, pela primeira vez, tinha dado a consciência da sua própria situação e das suas necessidades, a consciência das condições da sua emancipação — esta era a sua real vocação de vida. A luta era o seu elemento. E lutou com uma paixão, uma tenacidade, um êxito, como poucos. A primeira *Rheinische Zeitung* em 1842, o *Vorwärts!* de Paris em 1844, a *Brüsseler Deutsche Zeitung* em 1847, a *Neue Rheinische Zeitung* em 1848-1849, o *New-York Tribune* em 1852<sup>21</sup>-1861 — além disto, um conjunto de brochuras de combate, o trabalho em associações em Paris, Bruxelas e Londres, até que finalmente a grande Associação Internacional dos Trabalhadores surgiu como coroamento de tudo — verdadeiramente, isto era um

resultado de que o seu autor podia estar orgulhoso, mesmo que não tivesse realizado mais nada. (ENGELS, 1883)

Militante incansável das lutas dos proletários, Marx com sua vida e obra nos orienta tanto no estudo dos grandes dilemas que vivemos, com à sua superação, afinal com Engels nos legou que os proletários nada têm a perder, ao contrário tem um mundo a ganhar. A fertilidade do seu pensamento mostra-se naquilo que José Paulo Netto vai nominar de “marxismos”<sup>22</sup>, ao destacar corretamente as várias escolas que têm como ponto de partida uma obra primorosa desses homens do século XIX que na crítica de tudo o que havia no seu tempo, apanharam um projeto de futuro!!

### *Uma Conjuntura de Luta e Resistências que demanda uma teoria revolucionária!*

Por todo o lado multiplica-se a barbárie justificada pela acumulação capitalista.

Mundialmente, massas de homens mulheres e crianças mendigam exílio. Fogem da guerra que expropria suas terras e riquezas; da intolerância e violência religiosa; da fome; da doença. Vivem vida miserável, impedidas de realizar as necessidades existenciais. Presos em campos de refugiados, olham para além dos arames farpados, implorando um espaço/tempo possível para uma vida de água e alimentos abundantes para todos, de moradias decentes (e não em eternas tendas provisórias) nas quais seus filhos possam ser criados com dignidade e alguma esperança de futuro; nas quais seus velhos possam estar agasalhados, cuidados e disponíveis para que possam aprender com eles. É assim que nos aparecem nas fronteiras do México com os EUA, no Quênia, na Etiópia, na Jordânia, na faixa de Gaza na Palestina, na Argélia, no Sul do Sudão, na Índia, na Síria, no Paquistão.

Os países ricos não os querem. Não querem os pobres que fogem dos horrores da guerra que assola os seus territórios de origem. Os mesmos países que fazem a guerra com o fim de expropriação das riquezas minerais (como o petróleo) e venda dos artefatos de suas indústrias de armamentos e munições, sob o discurso hipócrita de levarem democracia, produzem o abandono à própria sorte e a xenofobia.

O desemprego de trabalhadores globaliza-se, assumindo característica dominante do sistema capitalista. Nos países centrais do sistema ou nas economias periféricas, contingentes enormes de trabalhadores são lançados em relações de trabalhos temporários, flexibilizados. No Brasil já são 27 milhões de desempregado e subempregados<sup>23</sup>. Em regime de ensaio desde a década de 1990, as reformas do trabalho orientadas pelas virtudes da globalização e pelo princípio da flexibilização atingem aos trabalhadores de Europa, América, África e Ásia, promovendo a retirada de direitos sociais conquistados pelas classes trabalhadoras com muita luta. As horas de trabalho passam a oscilar entre semanas de sobrecarga para além de 44 horas, e semanas de carga horária reduzida. Intensifica-se o trabalho de alguns, enquanto outros sequer encontram trabalho. Paralelamente, nos setores privados, fragiliza-se o legislado pelo negociado, e nos setores públicos uma associação entre as burocracias de Estado e uma burocracia sindical promove uma reestruturação das carreiras, que rompe com a perspectiva de isonomia fracionando e dificultando a luta dos trabalhadores.

Na América Latina travamos uma luta contínua contra o poder econômico e bélico estadunidense. O Império do Norte volta a atacar com toda a força aos países do Sul e da América Central. Em uma conjuntura em que a China disputa os mercados na Ásia, África, Europa e América, os EUA voltam-se para o “seu quintal”, ativando a política e diplomacia do Big Steak, o uso da força para impor os interesses americanos das armas, do carvão, do ferro, do aço. Na Venezuela, com o auxílio de aliados internos, promovem o embargo de mercadorias desabastecendo os mercados e fechando cadeias produtivas; na Argentina impondo com seus parceiros internos o endividamento e desvalorização da moeda; no México impondo a segregação aos restos de um modelo americano de vida; no Panamá, Honduras, Brasil, colaborando com golpes midiáticos-jurídicos-parlamentares de derrubada de dirigentes eleitos. O Corolário Roosevelt, de afirmação da Doutrina Monroe – a América para os americanos – na atual conjuntura, significa impor a “ética de negócios das empresas americanas aos povos americanos. Enfraquecer-lhes as alianças de integração como o Mercosul, a União de Nações Sul-Americanas – Unasul, ou instituições bancárias como os Brics. O atual governo dos EUA e seu lema – América “first” – impõe ao mundo um estado permanente de beligerância, da barbárie e de sofrimento. E em cada recanto do território latino-americano encontra como aliados uma burguesia servil, originariamente subordinada, dependente e aliada dos interesses do grande capital que tem nos EUA uma de suas raízes geográficas. O saldo é insegurança e barbárie na América Latina.

**A situação brasileira:**

Numa conjuntura difícil de crise econômica e acirramento das pressões do capital por expansão das taxas de lucro, avança a ocupação do Estado por quadros aventureiros de direita que, de forma inconsequente, aprofundam a perspectiva liberal de gerência das forças produtivas e das relações de produção!! Pipocam greves e conflitos sociais em todo o mundo, e não é diferente no Brasil!!

Aqui, o balanço das greves realizado pelo DIEESE desde 1994, possibilita reconhecer na série histórica o encerramento do ciclo de apassivamento promovido pelo perspectiva de conciliação de classes entre 2002 e 2007. A partir da crise de 2008, expande-se o arrocho sobre a classe trabalhadora que reage com muita luta, de modo que em 2013 ultrapassam-se os patamares das greves que ocorreram no período da transição Sarney/Color:



2009		2010		2011		2012		2013		2014		2015		2016	
Púb.	Priv.														
251	266	269	176	325	227	410	464	933	1.106	SI	SI	SI	SI	1100	986

Tabela 1 - DIEESE Balanço das greves 2009 a 2016<sup>24</sup>

Tomando os dados disponibilizados pelo DIEESE sobre os balanços das greves desde 2009, percebe-se que estamos diante de um quadro potencialmente explosivo.

Um exemplo deste quadro potencialmente explosivo é a greve do setor de transporte<sup>25</sup> de carga sobre rodas (caminhoneiros), que iniciou-se dia 21/05 e prolongou-se por aproximadamente 10 dias contra os aumentos dos preços dos combustíveis, trazendo grande abalo à acumulação privada<sup>26</sup>. O movimento paralisou o abastecimento de combustíveis e de alimentos em todo o Brasil, expandindo-se pelos setores de transportes e estendendo-se progressivamente para diversos setores da produção, paralisando a comunicação viária e aérea entre centros urbanos e destes com o campo. Nos grandes centros urbanos, inviabilizou a circulação das mercadorias, a ida ao trabalho e ao estudo. Trata-se de um movimento que altera a consciência que esta categoria tem quanto ao poder do tipo de trabalho que realizam, possibilitando a toda a classe trabalhadora perceber a importância do sistema de transportes na cadeia produtiva. A greve encontra apoio nos vários segmentos de classe que dependem, num país que estruturou-se exclusivamente sobre o sistema rodoviário, da matriz energética petrolífera para a manutenção da sua existência ameaçados todos pela alta de preços. O processo de greves leva ao debate da política de preços praticada pela Petrobrás sob a presidência de Pedro Parente chamada pelos petroleiros de “América First”<sup>27</sup>, desgastando de forma importante o Governo Temer e trazendo consequências até este momento, imprevisíveis, quando a direita sai às ruas pedindo intervenção militar<sup>28</sup>.

Mas há mais!!

Ferozes interesses do capital têm semeado a morte<sup>29</sup> entre os resistentes e lutadores que defendem os direitos históricos dos trabalhadores às terras, às águas, à existência digna nas cidades. Não nos faltam, neste cenário, uma Comissão Camponesa da Verdade (CCV)<sup>30</sup>, um dos frutos do Encontro Unitário dos Trabalhadores, Trabalhadoras e Povos do Campo, das Águas e das Florestas<sup>31</sup>, realizado em 2012 em Brasília. Sua existência, entretanto, não impede que lideranças camponesas, indígenas, quilombolas, de sindicatos e de partidos de esquerda continuem sendo ameaçadas, aprisionadas e assassinadas pelas forças repressivas a serviço da especulação imobiliária e fundiária, do latifúndio, do agronegócio, da mineração, das barragens, das transposições de cursos de rios para a irrigação de fazendas e satisfação de poucos. A morte da vereadora pela cidade do Rio de Janeiro Mariele Franco (PSOL) soma-se a uma onda de respostas violentas das milícias a serviço do capital às lutas da classe trabalhadora e dos oprimidos contra todas as formas de opressão.

Em todo o Brasil, dados estarrecedores da Comissão Pastoral da Terra – CPT evidenciam que são milhares de famílias envolvidas em conflitos pela terra e pela água. De Norte a Sul a luta de classes no campo explode: na Amazônia (8167 famílias em 32 conflitos), no Acre (5.603 famílias em 69 conflitos), Amapá (1919 famílias em 47 Conflitos), Tocantins (4337 famílias em 66 conflitos) e Pará (18167 famílias e 78 conflitos), Rondônia (7039 famílias em 101 conflitos), Roraima (1463 famílias em 4 conflitos); no

Nordeste, especialmente Piauí (1434 famílias em 34 conflitos), Maranhão (18.264 famílias em 154 conflitos), Rio Grande do Norte (150 famílias, 1 conflito), Ceará (1063 famílias em 6 conflitos), Paraíba (2902 famílias em 13 conflitos), Pernambuco (3815 famílias em 39 conflitos), Alagoas (3644 famílias em 8 conflitos), Sergipe (80 famílias em 01 conflito) e Bahia (14918 famílias em 98 conflitos); ou ainda no Centro-Sul, como no Distrito Federal (325 famílias em 2 conflitos), Espírito Santo (720 famílias em 4 conflitos), Rio de Janeiro (213 famílias em 2 conflitos), São Paulo (4130 famílias em 33 conflitos), Goiás (397 famílias em 12 conflitos), Mato Grosso (6601 famílias em 41 conflitos), Mato Grosso do Sul (2875 famílias em 31 conflitos), Minas Gerais (2436 famílias em 31 conflitos), Paraná, Santa Catarina (1753 famílias, 13 conflitos), Rio Grande do Sul (1200 famílias em 9 conflitos)<sup>32</sup>.

Agravam-se as tensões deflagradas em 2008 e intensificadas desde 2013, para as quais o Impeachment de Dilma em 2016, longe de impor solução, significou apenas pôs mais lenha na fogueira, na medida em que possibilitou ascender ao poder corporações políticas compromissadas exclusivamente com os seus próprios interesses privados. Sob a condução destes grupos políticos, os interesses do capital internacional avançam sem freios contra os trabalhadores brasileiros, impondo cortes nos gastos públicos a serviço do pagamento dos juros da dívida<sup>33</sup>, reformas trabalhistas com acirramento da expansão da terceirização por vários setores, redução do emprego estável e sua substituição pela mão de obra de jovens aprendizes.

A burguesia entreguista do Brasil promove uma reforma reacionária do aparato jurídico e legislativo, apoiada mais uma vez por uma campanha de mídia (que tem na rede Globo a ponta de lança), para impedir a todo o custo a vitória do projeto democrático e popular (cuja tarefa de reformas com contenção de classes resta evidentemente esgotada a partir de 2013) nas próximas eleições.

Contraditoriamente, o momento mais desafiador da conjuntura encontra a classe trabalhadora desarmada por um processo de apassivamento associado a uma generalização da desconfiança com partidos e sindicatos. A demora dos setores que defendem a conciliação de classes reconhecerem a falência do modelo de contenção dos trabalhadores associada à produção de transformações lentas em aliança com o capital por dentro do Estado, torna-se importante obstáculo aos esforços de reagrupamento das forças da classe trabalhadora no enfrentamento aos interesses do capital a que deve dedicar-se a esquerda.

Dificultando mais ainda estes processos, de forma conveniente aos interesses da burguesia entreguista que controla o Brasil, multiplicam-se as igrejas que oferecem aos filhos da classe trabalhadora a teologia da prosperidade da saída individualista, da moral conservadora misógina e xenofóbica. Marx já nos alertava na *Introdução à Crítica à filosofia do direito de Hegel* e em a *Questão Judaica*<sup>34</sup>:

A miséria da religião é, de um lado, a expressão da miséria real e, de outro, o protesto contra ela. A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, carente de espírito (MARX, 2010, p. 145).

Nesta conjuntura, as teses de Marx mostram-se vivas, pois as condições objetivas nas quais as desenvolveu não foram superadas! Marx vive e possibilita explicar e encaminhar saídas para além do controle absoluto da vida pelo capital!

*Germinal: Marxismo e Educação em Debate – V. 3, N. 1 – Marx: 200 anos!!*

O diálogo de diferentes teóricos do século XX com a obra de Marx, constituindo a tradição marxista, afirma cada vez mais a relevância de suas contribuições diante dos problemas do nosso tempo, incluindo aí os da educação em seus diferentes aspectos, níveis e modalidades.

A fertilidade da obra marxiana e engelsiana gera marxismos<sup>35</sup>. Do seio deste movimento, a clareza de que “a teoria só se realiza num povo na medida em que é realização de suas necessidades”<sup>36</sup> promove a produção, e submissão a *Germinal*, de um rico acervo de manuscritos que buscam analisar os processos históricos nos quais nos movemos. A partir do que recebemos de nossos convidados e da demanda espontânea, compusemos este Volume 10, N. 1 de *Germinal* que almeja homenagear os 200 anos de nascimento de Karl Marx.

Na Seção *Debates*, um balanço do legado marxiano e engelsiano é conduzido por nossos convidados. Osvaldo Coggiola recupera o desenvolvimento do comunismo do jacobinismo radical ao comunismo operário proposto pelo marxismo, destacando a contribuição determinante que Marx e Engels darão na mudança do fundamento e do conteúdo desta que se converterá na teoria política, no programa e na organização política do proletariado do século XIX, com repercussões até os dias de hoje. Anita Schlessner analisa a teoria política de Marx a partir do Manifesto do Partido Comunista, reafirmando sua atualidade na “convocação para a unidade política das classes trabalhadoras, [...] para a ação revolucionária, [e] o caminho para cumprir a tarefa histórica de mudar o tempo transformando radicalmente a sociedade”. Pedro Leão da Costa Neto almeja “identificar a presença, o significado e a importância do conceito de progresso na reflexão dos fundadores da concepção materialista da história e desta forma contribuir para a sua reavaliação, concluindo que, longe de poder ser alinhado com a perspectiva liberal, em Marx e Engels a noção de progresso tem os sentidos de “progresso da indústria ou o progresso econômico, (...) progresso histórico e, um outro ainda que se refere ao progresso social ou progresso da humanidade”. Manoel Gonçalves dos Santos e Luiz Bezerra Neto retomam o método de Marx e Engels, defendendo que “numa época em que o meio acadêmico está eivado de tendências teórico-epistemológicas que encaminham pesquisas e produção de conhecimento de caráter pulverizado, mistificado e acrítico, reconhecer e registrar a consistência do método de Marx enquanto orientação teórico-epistemológica constitui procedimento que se pode qualificar de revolucionário, pelos desdobramentos que tal ação pode vir a proporcionar no curso da vida dos homens em sociedade”. Dermeval Saviani e José Claudinei Lombardi, em dois artigos distintos, trazem o balanço do legado de Marx para a educação. O primeiro, faz este balanço “considerando cinco aspectos: 1. Marx, educador de seus filhos; 2. Os escritos de Marx sobre educação; 3. Derivações de sentido da obra de Marx para a educação; 4. Conteúdo educativo da concepção marxiana de mundo, de homem e de sociedade; 5. Potencial educativo das categorias teóricas elaboradas por Marx. Em conclusão indica-se a plena validade do legado de Marx na atual crise estrutural da sociedade capitalista”. O segundo, pontua aspectos centrais da contribuição de Marx para encaminhar “a crítica à educação e ao ensino burguês; a possibilidade e necessidade de, sob o modo de produção capitalista, ser ofertada uma educação crítica ao proletariado; o delineamento das características gerais da educação do futuro, não como mera utopia, mas como parte do

projeto estratégico em construção pelo proletariado”. Por fim, Elza Peixoto faz uma um inventário das contribuições de Marx e Engels para pensar taticamente a crítica da religião num quadro de crise estrutural do capitalismo, quando esta é retomada com força de ideologia dominante com vistas à alienação e impedimento de avanços na capacidade de agir para a superação das relações de produção capitalistas.

Na seção *Artigos*, um interessante conjunto de manuscritos contribuem (a) para retomar a centralidade da análise da “correlação de forças” e do “pensar historicamente” para o marxismo, com uma revisão crítica da tese da “unilinearidade” (Francisco Gilson Rodrigues Oliveira e Marcos Cesar de Oliveira Pinheiro e Guilherme Nunes Pires); (b) o tema da prática, na perspectiva de uma crítica dos idealismos da prática (João Paulo Dória de Santana e Stefan Gandler); (c) aspectos da crítica da educação na perspectiva imperialista e da acumulação capitalista (Rosa Maria Correa das Neves, Cláudia Lino Piccinini); (d) desdobramentos e desenvolvimentos da teoria econômica de Marx (Alisson Slider do Nascimento de Paula, Katia Regina Rodrigues Lima, Frederico Jorge Ferreira Costa, Emanuel Lima Ferreira, Lucas Trentin Rech, Paulo Antonio de Freitas Balanco); (e) estudos acerca das contribuições de Lefebvre, Gramsci, Hegel e Florestan Fernandes para o pensar dos problemas da educação, que evidenciam a tradição em que se assenta o marxismo e a sua fertilidade (Paulo Henrique de Vasconcelos, Priscila de Sousa Chisté, Lucelma Silva Braga e Luciana Rodrigues); (f) as contribuições dos marxismos para pensar os nexos diversos da educação com a emancipação humana e sua viabilidade no chão da escola (Rafael Rossi, Aline Cristina Santana Rossi, Maria Escolástica Moura Santos, Maria Susana Vasconcelos Jimenez, Ruth Maria de Paula Gonçalves, Hugo Rodrigues Silvam, Adriana Karina Amin Azevedo, Ana Lucia de Souza, Daiane Dalila Noria, Janaina Welter, João Francisco Magno Ribas, Lilianna Soares Ferreira, Kathianne Ninive Pinto Silva, Felipe Belinasso, Henrique Tahan Novaes, Everaldo Gomes Leandro, Maria do Carmo de Souza, José Antonio Araújo Andrade.

Otávio Aranha é o responsável pela *Resenha* do *Manifesto do Partido Comunista*. Na Seção *Documentos Clássicos*, contra os ataques que Marx sofre pós morte, um conjunto de cartas recuperam-no no seio das relações íntimas, possibilitando-nos uma aproximação aos feitos do grande pensador, a partir da perspectiva dos que o amaram e com ele conviveram: Engels, Eleanor e Lafargue. Para a Seção *Entrevista*, entendemos que dar voz a Marx, implica em publicar um dos raros momentos em que se refere à sua própria trajetória, selecionando o *Posfácio à Segunda Edição de O Capital* no qual Marx trata de mudanças na edição, mas, principalmente, explicita a forma muito própria do seu método em relação ao de Hegel. Por fim, encerrando a publicação da Seção *Resumos*, trazemos o último dos resumos de Teses e Dissertações veiculadas por *Germinal*, de autoria de Leonan Ferreira.

Esta edição de *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, abre também o ano de comemoração dos 10 anos desta revista!!! Que os leitores e leitoras desta edição, a partir do que nos oferecem nossos autores neste número, multipliquem os estudos da anatomia do modo de existência capitalista e sua superação. Sem processos revolucionários não há teoria revolucionária!! Contribuamos com nossa inserção militante neste processo revolucionário que urge, no qual a teoria revolucionária marxiana e engelsiana tem muito a dizer!

Viva Marx!!! Viva a luta dos trabalhadores de todo o mundo, motor da história!! Marx Vive!!!

Escrito em 05/2018  
Publicado em 05/2018.

### Notas:

- <sup>1</sup> Doutorado em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Atualmente é professora adjunta do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, da Universidade Tuiuti do Paraná. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais. Participa do Fórum em Defesa da Formação de Professores no Estado do Paraná como representante da Anfope. E-mail: [maria.pereira@utp.br](mailto:maria.pereira@utp.br)
- <sup>2</sup> Doutorado em Filosofia e História da Educação pela HUNICAMP (2007). Pós-Doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade de Lisboa – UL (2015). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Marxismo e Políticas de Trabalho e Educação. E-mail: [elza.peixoto@ufba.br](mailto:elza.peixoto@ufba.br)
- <sup>3</sup> Doutorado em Ciências Humanas na Área de Filosofia pela Universidade de Varsóvia (1996). Atualmente é professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEd (Mestrado e Doutorado) e do Curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: [pedro.costa@utp.br](mailto:pedro.costa@utp.br)
- <sup>4</sup> ENGELS, Friedrich. Discurso Diante do Tumulo de Karl Marx, 1883, Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1883/03/22.htm> Consultado em 15 de abril de 2018
- <sup>5</sup> MARX, K. Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel. In: MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel. São Paulo: Boitempo, 2005, p. 155.
- <sup>6</sup> MARX, K. O trabalho alienado. In: FERNANDES, Florestan. Marx e Engels – História. São Paulo: Ática, 1989, p. 150.
- <sup>7</sup> Karl Marx – Biografia. Lisboa: Avante, 1983. P. 17.
- <sup>8</sup> GORENDER, Jacob. Apresentação. In: MARX, K. *O Capital. Crítica da Economia Política*. Tomo I. São Paulo: Editora Nova Cultural. 1996.
- <sup>9</sup> MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- <sup>10</sup> GEMKOW, Heinrich. Marx e Engels Vida e obra, São Paulo, Alfa Omega. 1984.
- <sup>11</sup> MÉSZÁROS, István. *Marx: A Teoria da Alienação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- <sup>12</sup> Outra obra de destaque é MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A sagrada família*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- <sup>13</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Lisboa, Editorial Presença; Martins Fontes: Brasil, 1974.
- <sup>14</sup> MARX, Karl. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. Tradução e Introdução de Florestan Fernandes, 2ª Edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- <sup>15</sup> ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo, 1986.
- <sup>16</sup> LENINE, V. I. *K. Marx F. Engels, as Três Fontes*. Vila da Feira, Textos Nosso Tempo, 1971.
- <sup>17</sup> BORON, Atílio A. Filosofia política e crítica da sociedade burguesa: O legado teórico de Karl Marx. In: BORON, Atílio A [organizador]. *Filosofia Política Moderna de Hobbes a Marx*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; San Pablo: Depto. de Ciência Política - FFLCH - Universidade de São Paulo, 2006. <https://www.marxists.org/portugues/marx/1883/03/22.htm>
- <sup>18</sup> MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- <sup>19</sup> MÉSZÁROS, István. Desemprego e Precarização: Um grande Desafio para a Esquerda. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). *Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.
- <sup>20</sup> HOBBSAWM, Eric. *Como Mudar o Mundo: Marx e o marxismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- <sup>21</sup> MARX, Karl. *O 18 de Brumário de Louis Bonaparte*. Coimbra: Centelha, 1975.
- <sup>22</sup> NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. IN.: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luiz. **História e História da Educação**. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2000 P. 52.
- <sup>23</sup> Agência IBGE Notícias. Desemprego volta a crescer no primeiro trimestre de 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20995-desemprego-volta-a-crescer-no-primeiro-trimestre-de-2018.html> Acesso em 24/05/2018 18h38. Agência IBGE Notícias. 27,7 milhões de pessoas estão subutilizadas na força de trabalho do país. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21247-27-7-milhoes-de-pessoas-estao-subutilizadas-na-forca-de-trabalho-do-pais.html> Acesso em: 24/05/2018 18h41
- <sup>24</sup> ANDES-SN. Relatório do Dieese aponta crescimento histórico de greves no país. Disponível em: <http://www.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=7913> Acesso em: 26/05/2018 23h00. PSTU. O ano de 2016 registrou recorde de greves no país. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/o-ano-de-2016-registrou-recorde-de-greves-no-pais/> Acesso em: 26/05/2018 23h00. DIEESE. Tipo de Publicação: estudos e pesquisas, balanço das greves, balanço dos pisos, balanço dos reajustes. <https://www.dieese.org.br/sitio/buscaDirigida?itemBusca=estudos&comboBuscaDirigida> Acesso em: 26/05/2018 23h00.
- <sup>25</sup> Ver: PCB. A carroceria sobre as costas. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/19763/a-carroceria-sobre-as-costas> Acesso em: 28/05/2018 17h00. PCB. Sobre a greve dos caminhoneiros. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/19781/sobre-a-greve-dos-caminhoneiros> 28/05/2018. 17h00. ESQUERDA ON LINE. A esquerda e a boleia: breves considerações sobre a greve dos caminhoneiros. Disponível em:

- <https://esquerdaonline.com.br/2018/05/27/a-esquerda-e-a-boleia-breves-consideracoes-sobre-a-greve-dos-caminhoneiros/>  
Acesso em 28/05/2018
- <sup>26</sup> Sobre os importantes prejuízos gerados pela greve dos caminhoneiros, ver: Terra. Jornal: greve de caminhoneiros causa prejuízo de R\$ 10 bi. Disponível em: [https://www.terra.com.br/noticias/brasil/greve-de-caminhoneiros-ja-causa-prejuizo-de-r-10-bilhoes\\_e2a49e666d57cfb34d10c408b8c89159eip5k39h.html](https://www.terra.com.br/noticias/brasil/greve-de-caminhoneiros-ja-causa-prejuizo-de-r-10-bilhoes_e2a49e666d57cfb34d10c408b8c89159eip5k39h.html) Acesso em 28/05/2018. 18h00. ISTO É. Greve de caminhoneiros já causa prejuízo de R\$ 10 bilhões. Disponível em: <https://istoe.com.br/greve-de-caminhoneiros-ja-causa-prejuizo-de-r-10-bilhoes/> 28/05/2018 18h00 CORREIO. Greve dos caminhoneiros gera prejuízo bilionário. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/greve-dos-caminhoneiros-gera-prejuizo-bilionario/> 28/05/2018 18h00
- <sup>27</sup> AEPET. Editorial: Política de preços de Temer e Parente é “America First! ”. Disponível em: <http://www.acepet.org.br/w3/index.php/artigos/noticias-em-destaque/item/1125-editorial-politica-de-precos-de-temer-e-parente-e-america-first> Acesso em: 28/05/2018. 18h00
- <sup>28</sup> ESTADÃO. O que falta agora para encerrar greve? 28.05.2018 Disponível em: <http://br18.com.br/estados-criticam-proposta-do-fim-da-cide/> Acesso em 28.05.2018. 18h00.
- <sup>29</sup> G1 Mato Grosso. Corpos de nove mortos de chacina ocorrida em Colniza (MT) são identificados e liberados. Disponível em: <https://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/corpos-de-nove-mortos-de-chacina-ocorrida-em-colniza-mt-sao-identificados-e-liberados.ghtml> Acesso em: 24/05/2018 05h07 Número de trabalhadores rurais assassinados em 2016 é o maior dos últimos 13 anos Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/04/numero-de-trabalhadores-rurais-assassinados-em-2016-e-o-maior-dos-ultimos-13-anos> Acesso em: 24/05/2018 05h07.
- <sup>30</sup> Comissão Pastoral da Terra - CPT. Relatório final da Comissão Camponesa da Verdade. Violações dos direitos no Campo. Brasília, dezembro de 2014. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/component/jdownloads/send/26-documentos/2057-relatorio-final-comissao-camponesa-da-verdade?Itemid=0> Acesso em: 24/05/2018 18h58.
- <sup>31</sup> ENCONTRO UNITÁRIO DOS TRABALHADORES, TRABALHADORAS E POVOS DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS. Disponível em: <http://fetagro.org.br/mobilizacoes/780-encontro-unitario-dos-trabalhadores-trabalhadoras-e-povos-do-campo-das-aguas-e-das-florestas> Acesso em: 24/05/2018 19h07
- <sup>32</sup> G1 Política. Pelo menos 65 trabalhadores rurais foram assassinados em conflitos no campo em 2017, diz Pastoral da Terra. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/pelo-menos-65-pessoas-foram-assassinadas-em-conflitos-no-campo-em-2017-diz-pastoral-da-terra.ghtml> Acesso em: 24/05/2018 05h07 Comissão Pastoral da terra - CPT. Áreas em Conflito 2016. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/component/jdownloads/send/4-areas-em-conflito/14039-areas-em-conflito-2016?Itemid=0> Acesso em: 24/05/2018 05h07
- <sup>33</sup> AUDITORIA CIDADÃ DA DÍVIDA. TAXAS DE JUROS: A GRANDE ILEGITIMIDADE DA DÍVIDA “INTERNA”. Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/conteudo/taxas-de-juros-a-grande-ilegitimidade-da-divida-interna/> Acesso em 28/05/2018. 08h00. FATORELLI, Maria Lúcia. Os números da dívida. In: Auditoria Cidadã da Dívida. Disponível em: <https://auditoriacidada.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Os-numeros-da-divida-2018.pdf> Acesso em 28/05/2018. 08h00. PODE POPULAR. As verdadeiras Causas da crise econômica e do chamado desequilíbrio fiscal. Parte 1 a 4 publicadas nos fascículos 17, 18, 19 e 20. PODE POPULAR. As verdadeiras Causas da crise econômica e do chamado desequilíbrio fiscal. Parte 1. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/13161/o-poder-popular-no-17> Acesso em: 28/05/2018. 09h00. PODE POPULAR. As verdadeiras Causas da crise econômica e do chamado desequilíbrio fiscal. Parte 2. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/13510/o-poder-popular-no-18> Acesso em: 28/05/2018. 09h00. PODE POPULAR. As verdadeiras Causas da crise econômica e do chamado desequilíbrio fiscal. Parte 3. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/13810/o-poder-popular-no-19> Acesso em: 28/05/2018. 09h00. PODE POPULAR. As verdadeiras Causas da crise econômica e do chamado desequilíbrio fiscal. Parte 4. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/14087/o-poder-popular-no-20> Acesso em: 28/05/2018. 09h00.
- <sup>34</sup> MARX, Karl. A Questão Judaica. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- <sup>35</sup> NETTO, José Paulo. Relendo a teoria marxista da história. IN.: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luiz. **História e História da Educação**. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 2000 P. 52.
- <sup>36</sup> MARX, Karl. Introdução à crítica da filosofia do Direito de Hegel. In: MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005. P. 152.